



A Bastilha.

A demolição desta fortaleza, cujas sombrias muralhas, cujas masmorras ainda mais sombrias eram o mudo symbolo do regio despotismo, da tyrannia feudal, foi como que o derrubar da bandeira do antigo regimen pelas mãos das phalanges revolucionarias. O vacuo, deixado pela Bastilha demolida, foi o abysmo cavado entre o passado e o futuro, foi a veragem onde desapareceram privilegios, oppressões, absurdos envelhecidos, costumes decrepitos. Havia muito que surdos abalos subterraneos denunciavam que estava proxima a irrupção volcanica; a lava accumulava-se nas catacumbas da sociedade, formava-se a cratera, serpavam as chammas, num momento rugio o Vesuvio popular, a lava golphou em borbotões, o fogo sinistro saio do precipicio entre-aberto, a Bastilha desabou com immenso fragor, e sobre as suas ruinas appareceu, ainda sereno e puro, apesar das procellas que lhe relampagueavam em torno, o genio da liberdade.

No dia 14 de julho, o sol despontando no horizonte da Europa, encontrou os povos mergulhados na treva da escravidão, mas quando nesse mesmo dia se atufou nas aguas do Oceano, deixava um outro sol, o da emancipação dos povos, a resplender sobre o mundo, sol para os filhos da França, aurora e tibia aurora ainda para as outras nações. Mas quando o primeiro clarão matutino raia as sombras nocturnas, o esplendor

não cessa de se alastrar nos céos, até chegar ao zenith e illuminar em cheio os mesmos que lhe assistiram ao despontar,

Sentio-se em toda a Europa o baque da Bastilha; em toda a Europa foi acordar a esperança no animo dos povos, o terror no animo dos reis. Caíra a cidadella do despotismo, e caíra, como as muralhas de Jerichó, ao som das trombetas triumphaes, que escoltavam a arca santa da liberdade. Não havia duvida; a Providencia permittia, enfim, aos povos vingarem-se da sua longa oppressão de seculos, e a queda dessa corôa de ameias que cingia a fronte livida desse genio máo das nações, que se chamou — o feudalismo — fez logo tremer na fronte da realeza o diadema de ouro, que symbolisava a monarchia absoluta.

Assim foi; privilegios feudaes, distineções injustas, negação ao povo do exercicio da sua legitima soberania, tudo ficou sepultado nas ruinas do velho castello parisiense. No local onde ella se erguera, celebrou, no anno seguinte, um povo inteiro, com delirante enthusiasmo, o anniversario da liberdade. Anciosos de fazerem desaparecer de diante dos olhos o symbolo odioso dum ainda mais odioso poder, os parisienses arrasaram completamente a fortaleza da idade media, e no sitio onde ella existia campeia hoje o monumento de Julho.

Foi pena! As pedras não são culpadas das vilezas e dos crimes de que os homens as fazem in-

voluntarias cúmplices, e seria um espectáculo cheio de bem grandioso ensinamento o desse edificio terrível outr'ora, silencioso hoje, deserto, negreando, como larga nodosa, no meio dos esplendores que incendiam as noites da moderna Paris! Seria bom trazer á luz immensa da liberdade esse moreego do despotismo, e as suas muralhas sombrias, conservando impressas as garras do leão insurreccional, mostrariam aos despotas, melhor do que a columna commemorativa que lá campeia, o que póde a força brutal, o que pódem as muralhas inaccessiveis, o que póde o canhão contra a ira do povo, quando os seus oppressores encheram a taça das iniquidades, e quando a consciencia dos seus direitos o subleva e agita, como a procella agita e subleva as ondas do Oceano.

M. PINHEIRO CHAGAS.

SEVAGY

Sevagy, apesar de pouco conhecido na Europa, foi, comtudo, um dos principaes conquistadores orientaes, e o fundador do imperio dos mahratas. Depois de ter derrotado grandes exercitos inimigos, e de se ter assenhoreado de famosas povoações, conscio do pequeno poder, que já os portuguezes tinham na India, chegou a impor tributos ás nossas principaes cidades naquelle estado. Em 1671, Damão não teve remedio senão pagal-o. (1) Mais tarde Chaul teve que fazer o mesmo; e os habitantes de Goa tremiam com medo que o conquistador os fosse visitar, depois de se ter apoderado da ilha de Bardes. Estas noticias extraias até aqui de auctores estrangeiros, são tambem confirmadas pelo que nos diz um nosso, João Távares de Vellez Guerreiro. (2) Referindo-nos a jornada, que o governador de Macau fez, com destino a esta cidade, saindo de Goa, e historiando-nos a chegada d'elle á aldeia de Seovençar, diz-nos: *Que os soldados da fortaleza desta terra estavam passados de medo: fecharam as portas, e com rigorosa sentinella se pozeram com as armas na mão; porque lhes remordia a consciencia, quando dali tinham ido alguns soldados ajudar ao Sevagy, na entrada que, poucos mezes antes, tinha feito nas terras de Salsete.*

Mr. Dellon, (3) fallando de Sevagy, tambem diz: «Rajapour appartient au Prince Sevagi, ce fameux rebelle, qui pendant longtemps a doñné bien de l'occupation au grand Mogol son voisin et au Roy de Vizapour son Maître.»

Vê-se, pois, que o nome de Sevagy se tornou celebre tanto pelas suas conquistas, como pela sua vida aventureira; e que é um vulto notavel na historia da India portugueza. Não era, pois, de esperar que os portuguezes, que tanto escreveram principalmente sobre a historia dos povos indios, deixassem ficar Sevagy no esquecimento. Effecti-

vamente assim succedeu. Temos a vida deste conquistador escripta por Cosme da Guarda. (4)

Fallando a respeito desta obra diz a Biographia Universal da Bibliotheca Roret que é a historia da destruição definitiva do poder e preponderancia do imperio portuguez na India!

Isto é falso! Cosme da Guarda (talvez de proposito) mui poucas vezes nos apresenta Sevagy tratando com os portuguezes; mas nessas poucas nol-o descreve como medroso e respeitador dos portuguezes! Como combinar isto com o que nos dizem os estrangeiros a respeito dos males que elle causou aos portuguezes? Eu, porem, creio que o historiador portuguez é parcial, (5) e que mui de proposito, talvez, deixou ficar no esquecimento quanto nos podia reverter em nosso desdouro. Seja como fôr, em poucas palavras farei um extracto biographico do que nos diz Cosme da Guarda a respeito de Sevagy, e referirei o que nos diz ter este passado com os portuguezes.

Sevagy, sendo vassallo do rei Visapur, e já aos 15 annos commandante de 30 cavallos, pertencentes a este rei, entrou a pensar como se revoltaria, e se tornaria grande. Com estes pensamentos constantes só apetecia estar só, e a sua tristeza tornou-se tão habitual, que causava admiração a todos. As perguntas, que lhe fazia seu aio Neotogy, e aos pedidos, que lhe dissesse qual o desgosto, que tinha, nada mais respondia, senão que, o que trazia no sentido, lhe causava muita pena. E assim foi guardando segredo dos seus planos, até que num dia, saindo para sitio mais remoto com seu aio, e com os trinta cavalleiros do seu commando, lhes perguntou, se o amavam a ponto de o quererem seguir, para onde fosse. Todos responderam affirmativamente, e então Sevagy, como agradecendo-lhes, animou-os, dizendo: *Pois eu vos prometto, que serão celebrados vossos nomes, e que, em toda essa região, serão as nossas acções bem admiradas. Pois que havemos de fazer?* perguntou Neotogy. *Humilhar soberbos, e engrandecermo-nos a nós todos,* disse Sevagy. Depois disto feito, recolheram-se outra vez ao exercito, á espreita de occasião favoravel, para pôrem em execução os seus projectos, a qual a fortuna não tardou de offerecer, pela morte do rei de Visapur, e pela eleição, que a rainha fez do filho dum cornaca de elephantes para o governo, o que não foi do agrado geral. Os nobres retiraram-se todos para suas terras, sem licença da rainha, e Sevagy, aproveitando-se duma occasião tão propicia aos seus desejos, saio do exercito com seu aio e os trinta soldados, e, por caminhos afastados de povoações, foi no dia seguinte amanhecer numa aldeia de gentios. Provendo-se aqui do necessario á vida, e, attrahindo alguma gente ao seu partido, dirigio-se para as terras de Visapur, aonde, quando chegou, já levava comsigo quinhentos cavalleiros voluntarios. Chegando á jurisdicção de Conolur, fez um tractado

(1) Ferdinand Dinis. Portugal dans l'Univers Pittoresque, pag 245.

(2) Jornada que fez Antonio de Albuquerque Coelho de Goa a Macau, pag. 18 a 21.

(3) Voyage de Mr. Dellon avec sa relation de l'Inquisition de Goa et Cologna, 1711, vol. 1.º pag. 159.

(4) Vida do celebre Sevagy, por Cosme da Guarda, natural de Murmugão. Lisboa. Officina da Musica, 8.º

(5) O sr. Innocencio no seu Diccionario julga que Cosme da Guarda é um nome supposto.

côm o governador, que tambem estava revoltado, por causa da nomeação do novo rei, de se socorrerem mutuamente, no caso de precisão. Feito este pacto, começou Sevagy a assolar as terras de Visapur, e povoações da serra de Gate. Dirigio-se, pois, para Concão, tomou uma fortaleza, chamada Dabul; e achando-se o governador de Canolur cercado pelo novo rei, aproveitou a occasião, e dirigio-se para a côrte de Visapur, que saqueou, e mandou lançar fogo a tres grandes povoações proximas da capital. Com estas noticias, o rei deixou o governador de Canolur, e poz-se a caminho, para se encontrar com Sevagy, que evitou o encontro, retirando-se para as terras dum poderoso confederado, chamado Rustamusaman. Daqui desceu de novo o Gate, e saqueou uma grande povoação chamada Chandagará, da qual tirou muita riqueza. Não tinha ainda assento Sevagy, nem em parte alguma o fazia. Quando o imaginavam aqui, estava lá, e quando lá o suppunham, lhes entrava pelas portas. Levava sempre comsigo quantos cavallos achava, afim de augmentar suas tropas, porque a gente, que acudia pelas boas pagas, que dava, era muita. Fez sua praça de armas a fortaleza de Dabul, e nesta costa maritima, por espaço de um anno, se fez senhor de tudo o que vai de Curale, (tres leguas de Bengorlá), até dahi 36 leguas. Entregando-se-lhe dentro em pouco mais algumas fortalezas, pertencentes ao rei de Visapur, o qual irritado, por um rapaz, filho dum seu vasallo, lhe saquear suas terras, quiz acabar por uma vez com Sevagy. Para isto escolheu Belughan, capitão velho do rei defunto, general conhecido pela sua pericia e valor, e entregando-lhe 35 mil cavallos, o mandou contra seu inimigo. Não perdeu o animo Sevagy, antes despindo-se inteiramente, cobria-se com um pano, não mui limpo, e pondo á cabeça feixes de herva, a levava á estrebria do general, e deste modo observava quasi tudo, que lhe convinha. E a tal ponto se disfarçava, que, fallando com todos, e perguntando por si mesmo, ninguem o conhecia. Outras vezes mandava a Neology fazer o mesmo, e nalgumas occasiões iam ambos, cada um por seu lugar, a titulo de venderem a herva, não se contentando com o que lhe offereciam, para se demorarem mais. Quando pareceu conveniente, mandou Sevagy a Neology com mil cavallos, que os conduzisse para certo lugar, que lhe apontou, emquanto elle ordenava as cousas de modo, que as subidas do Gate se achassem livres. Depois mandou porção de soldados de pé, por differentes caminhos, até chegarem ás vigias do exercito, que lhes perguntavam, para onde iam. E elles, fingindo-se cansados, por subirem tanta altura, se sentavam, dizendo que Sevagy os tinha roubado, e que vinham servir no exercito de Belughan, para se vingarem do ladrão. Pondo-se depois a dormir, assim illudiam as vigias. Chegam em seguida outros, e quando se viram numerosos, as investiram, e mataram, e logo Sevagy, apparecendo cavallos, e grande numero de infantes, no quarto da modorra accommetteu o exercito inimigo por quatro partes, e

causando nelle uma grande confusão, em parte o matou, e em parte o fez fugir, tirando a vida ao proprio Belughan. Com esta tão assignalada victoria, e com a entrega da inconquistavel fortaleza de Rayaguer, vendida pela traicão do seu governador, pelo preço de 200 mil rupias, tornou-se Sevagy tão famigerado e poderoso em toda a India, a ponto de atacar Vingorlá, povoação em que hollandezes tinham uma feitoria, e Rayapour em que a havia ingleza, e nesta assolou tudo, prendeu os inglezes, que por fim tiveram occasião de fugirem para Chaul, e refugiarem-se entre os portuguezes.

(Continua)

M. B. BRANCO.

O ABBADE DE L'ÉPÉE

(Continuado de pag. 103)

Repellido, pois, do templo, o levita frustrado procurou dirigir para outra carreira as suas vistas, tentou entrar no fóro; mas a vocação não o acompanhava; os olhos saudosos voltavam-se com saudade para as terras sagradas de Sião. Valeu-lhe neste ponto o bispo de Troyes, sobrinho do grande Bossuet, e cujos hombros sustentavam, sem vergarem muito, o peso de tão glorioso nome. Este digno ecclesiastico offereceu-lhe as ordens sacras, e um modesto canonicato na sua diocese, em cuja fronteira paravam as exigencias dos molinistas acerrimos. De L'Épée accitou com jubilo, e ahí o temos nós prégando a palavra do Senhor, distribuindo esmolas, consolando os afflictos, confortando os moribundos. A caridade era o seu elemento.

Quem pronuncia hoje o nome do *abbé de L'Épée* e se lembra do que eram os abbades no seculo XVIII vai figurar na imaginação uma creatura, sufficientemente profana, rosada, risonha, elegante, cortejando as damas, encarregando-se de missões diplomaticas, compondo de mil modos o seu habito gracioso, sacudindo com desenvoltura verdadeiramente cortezanesca o pó do rapé, que lhe maculou ao de leve a nitidez do *rabat*.

Pelos periodos que já escrevemos pôde ver o leitor que se engana se tal suppõe. O abbade de L'Épée era um digno sacerdote em toda a força do termo, occupando-se exclusivamente dos seus deveres ecclesiasticos, nem rigorista nem frivolo, modesto, scismador, estudioso, pensando talvez, no meio da obscuridade da sua existencia, na descoberta luminosa, que havia de collocar o seu nome entre os dos bemfeitores da humanidade.

Lá mesmo, no retiro onde se occultava, o foi o infortunio perseguir. As suas opiniões jansevistas não provocariam o raio porque, tímido e pensador, o abbade de L'Épée não era um destes homens para quem a polemica é um elemento essencial da existencia; mas relações de amizade, originadas pela conformidade de sentimentos, ligaram-no a Soanon, bispo de Senez, intrepido, irrequeto e teimoso adversario da bolla *Unigenitus*. Quando os vencedores, cansados com a obstinação deste ultimo gladiador, o fulminaram afinal com o interdito religioso, fulminaram igualmente todos os que o rodeavam. O abbade de L'Épée foi suspenso pelo arcebispo de Paris, Mgr. Beaumont.

Foi então que o seu espirito, sempre cubitoso

de ser util á humanidade, se voltou para a grande questão dos surdos-mudos, que então occupava Paris inteiro, graças ás maravilhas do portuguez Jacob Rodrigues Pereira. O acaso veio auxiliá-lo nos seus novos projectos. Uma senhora, mãe de duas juvenis surdas-mudas, confiára as aos cuidados do padre Vanin, que procurava instruí-las por meio de estampas. O padre Vanin morreu. O abbade de L'Épée offereceu-se para substituí-lo. Aceito com jubilo, tratou o nosso abbade de estudar profundamente os meios de beneficiar o mais possível essas pobres desherdadas.

Dissemos qual o methodo de Ponce, e qual o de Rodrigues Pereira. A leitura nos labios era de aprendizagem longa e difficultosa, e tambem de não mui facil nem muito prompta execução. O alphabeto manual inventado por J. Rodrigues Pereira era um utilissimo auxiliar; mas todos esses systemas tinham o grandissimo inconveniente de obrigarem o mestre a explical-os em particular a cada um dos discipulos. De L'Épée, assim que poz em actividade as molas perras dessa machina percebeu-lhe os defeitos. Por outro lado, observando attentamente os dois jovens surdos-mudos, notou que, inintelligiveis para os estranhos, os seus gestos explicavam perfeitamente um ao outro tudo quanto queriam communicar-se. Uma idéa luminosa lhe atravessou então o cerebro; em vez de contrariar a natureza, aproveitá-la, em vez de a vergar sob o joelho da arte, servir-se das suas próprias aspirações; desenvolver os germens que a Providencia, sempre bondosa, semeára nesses terrenos que parecera condemnar á esterilidade. A idéa enraizou-se lhe no espirito, viu, cresceu, deu flor, fez-se fructo: uma nova lingua, a lingua dos gestos, pittoresca, expressiva, animada, brotou á voz do abbade de L'Épée, e os surdos-mudos espantados viram, guiada pela mão intelligente do mestre, transformar-se a sua pobre mimica num idioma onde se continha um mundo de idéas e de revelações.

«O methodo do abbade de L'Épée, diz mr. Dufau, um dos seus biographos, consiste em se apoderar dos gestos de que a natureza dotou os surdos-mudos, e que lhes servem para communicarem entre si, em os aperfeicoar, em os transformar numa lingua verdadeira, lingua expressiva e fecunda que deve sem duvida ter bastantes relações com a que os mimicos romanos tinham inventado, e por meio da qual Roseio se gabava de interpretar uma oração de Cicero tão claramente como com a palavra.»

Vimos o homem notavel, o descobridor, o pensador; voltemos agora essa pagina da sua existencia, e encaremol-o debaixo de outro ponto de vista. Vae-se-nos revelar o santo.

Como succede sempre, o abbade de L'Épée affeicou-se profundamente aos surdos-mudos que, para assim dizermos, resuscitara; almas borboletas que fizera sair da chrysalida, e que, diante dos seus olhos enlevados, espanejavam as azas iriadas á luz da intelligencia, ao sol vivificante da palavra e do pensamento.

A caridade tem, como o abysmo, as suas doces vertigens e as suas santas fascinações. Quem uma vez conheceu os celestes jubilos que ella proporciona, não renuncia facilmente a elles. Quem se costuma a ouvir a doce musica, que labios re-

conhecidos murmuram, não póde passar sem essa beatifica harmonia. E então quanto maior enlevo não deviam inspirar ao meigo abbade os gestos expressivos, que elle mesmo lhes ensinára e em que os pobres surdos-mudos lhe demonstravam a sua immensa gratidão! A tentação era forte. Aos seus dois discipulos outros se juntaram; depois vieram os pobres, ou foi elle mesmo procural-os. Dahi a pouco tempo a sua modesta casa estava transformada num asylo de surdos-mudos, sustentados e vestidos á sua custa.

Não chegavam para tanto os poucos rendimentos do abbade de L'Épée. Não se envergonhou o humilde sacerdote de estender a mão aos ricos dos bens da terra, e pedir-lhes para os seus pobres protegidos algumas das migalhas caídas dos seus luxuosos banquetes. Não foi tão ouvida a supplica como merecia. As orgias da cõrte de Luiz XV eram dispendiosas, e mal chegavam para ellas os réditos dos grandes fidalgos. Na sua colheita piedosa o abbade de L'Épée ceifou mais elogios do que esmolos. Comtudo, as que obteve habilitaram-no a dar proporções mais amplas ao seu asylo. Foi um dos seus mais assiduos protectores o virtuoso duque de Penthièvre, pae da infeliz princeza de Lamballe.

A propaganda era nelle, como em todos os iniciadores, o pensamento mais constante. A imperatriz Catharina II da Russia, o imperador José II da Allemanha fizeram-lhe os mais brilhantes offerecimentos. As respostas do abbade de L'Épée mostram a mais tocante abnegação. A imperatriz da Russia pediu unicamente que lhe enviasse um joven surdo-mudo dos seus estados. Ao imperador da Allemanha escreveu o seguinte:

«Sou velho: se Vossa Magestade deseja fazer algum bem aos surdos-mudos, não o colloque na minha cabeça já pendida para o tumulo; colloque-o na obra em si: é digno dum grande principe perpetuar tudo o que é util á humanidade.»

Ambos os monarchas satisfizeram os desejos do digno abbade. Um surdo-mudo russo veio receber lições a Paris: um ecclesiastico austriaco foi enviado por José II para aprender o methodo de L'Épée, e, voltando a Vienna, foi nomeado director do primeiro estabelecimento de educação de surdos-mudos que teve a Austria.

Tão completa abnegação fizera de si mesmo o abbade de L'Épée, tão completamente se identificára com os seus alumnos, que soffria só o que elles soffriam, que tomava parte em todas as suas alegrias, em todas as suas tristezas, em todas as suas esperanças. Recolhera elle um joven surdo-mudo abandonado. Suspeita que é herdeiro duma grande riqueza e despojado dos seus bens por parentes avidos que abusam da sorte cruel da criança. Ahi temos o nosso abbade, des-cuidoso em tudo quanto é de interesse seu, inflammado só com a idéa da injustiça praticada com o seu alumno. Velho, enfermo advoga a causa do surdo-mudo, lucha sem descansar em quanto não derrama plena luz nas trévas que suspeitára.

Vem o inverno de 1788, o mais rigoroso inverno de que houvera memoria em Franca. Milhares de desgraçados morrem de frio e de fome. A lenha e o pão sóbem a preços exorbitantes. O abbade de L'Épée, quasi octogenario, sujeita-se ás

maiores privações para que nada falte aos seus filhos adoptivos. «Um dia, escreve o já citado mr. Dufau, a privação do pobre velho é descoberta, e os seus discipulos correm, com os olhos banhados de lagrimas, a supplicar-lhe de joelhos, na sua linguagem animada, que se conserve para elles; scena tocante digna do pincel dum mestre.»

A 23 de dezembro de 1789 falleceu, de idade de 77 annos, o digno abbade que a Igreja expellira do seu seio, e que o reconhecimento da posteridade colloca entre os bemaventurados. Foi-lhe consolação no seu leito de morte a certeza que teve de que o governo não desampararia o estabelecimento que elle fundára.

O abbade de L'Épée deixou alguns escriptos; um, composto na primeira epoca da sua vida, versando sobre materias theologicas, outro em

que expõe o seu methodo, e que se intitula *Instituição dos surdos-mudos por meio dos signaes methodicos*, e deixou principiado um Diccionario geral dos signaes empregados na lingua dos surdos-mudos.

Foi seu digno successor o abbade Sicard, que tambem conquistou fôros de homem notavel pela intelligencia e bondade de animo; mas o modesto nome do abbade de L'Épée sobreleva a todos que o precederam ou seguiram na carreira. Não era verdadeiramente um homem de genio; mas os dotes do seu coração, como que lhe deramavam luz immensa na intelligencia, e a caridade ardente que o animava aguçava-lhe o talento, dando-lhe esse instincto sublime, que faz os grandes descobridores.

M. PINHEIRO CHAGAS.



A estrada do Simplon

O Simplon é um dos monumentos levantados á memoria de Napoleão I. Do conceber á realisacão pouco distanciava para aquelle astro, que assombrou a Europa pelos seus commettimentos, que se julgariam loucos tentados por outro homem. Aquelle genio dominador não permittia obstaculos ás suas tentativas: sabia fazel-os desaparecer com um gesto.

Uma estrada, que unisse o Valais com o Pie-

monte, tornava-se necessaria. Napoleão não hesita. Tendo-se os habitantes do Valais recusado a unir-se ao seu projecto, ordena as suas legiões que tomem o Valais, e o seu plano executa-se.

A estrada do Simplon foi construida desde 1801 a 1806. O viajante, que percorre as doze leguas da sua extensão, fica maravilhado pelos brilhantes horisontes que ella lhes offerece. Ora, no cume de um monte elevado, treme perante os pre-

cipicios e cataractas que se desenrolam a seus pés, ora, no fundo de um valle ameno, sente a alma deleitar-se naquella goso suave que a solidão e a belleza da vegetação causam.

A estrada soffreu consideravelmente com os horribéis furacões que tiveram lugar em 1834, 1839 e 1849, que a tornaram impraticavel do lado da Sardenha.

Partindo de Glyts (Valais) atravessa montes enormes, penetra nos rochedos que serviam de barrancos á sua execução, passa por sobre 611 pontes e termina, enfim, na cidade d'Ossola, no valle do mesmo nome.

A largura da estrada é de 8 metros.

A celebridade do Simplon não data unicamente de Napoleão. Já no anno 109, antes da vinda de Christo, os Cimrios e os Romanos pelejaram nos seus desfiladeiros.

AS CORTES PORTUGUEZAS ANTIGAS

Rápida noticia da sua natureza e constituição: e apontamentos de alguns pedidos dos povos

(Vid. pag. 94)

VI

Por quanto devo suppor que ao maior numero dos leitores não sobra tempo para compulsar muitos livros, parece-me conveniente apresentar-lhes alguns exemplares de documentos sobre a convocação das Côrtes, e fazel-os depois assistir a uma sessão solemne de abertura das mesmas. — Dest'arte, e com as indicações dos precedentes artigos, poderão formar idéa dos antigos parlamentos portuguezes.

— Eis aqui o theor da carta convocatoria para Côrtes, dirigida pelo Soberano ás Camaras Municipaes nos fins de novembro de 1667:

— «Juiz, Vereadores e Procuradores da Camara de Santarem. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Para comprar, e ajustar algumas cousas convenientes á defesa destes reinos, e bem commum de meus povos, e vassallos; tenho resolutto celebrar Côrtes nesta Cidade ao primeiro de janeiro do anno que vem de 1668, como já vos mandei escrever. Encommendo-vos, que logo que receberdes esta Carta façais eleição na fórma costumada de dous Procuradores, que em nome dessa Villa venham ás Côrtes, e lhes deis Procuração bastante para tratarem e resolverem os negocios que nellas se propozerem convenientes a meu serviço, advertindo lhe disponham suas vindas, de modo que sem falta se achem nesta cidade no dia sinalado, e procurareis o façam com a menor despesa do Concelho que fôr possível, e que sejam pessoas que pela qualidade, fazenda, e procedimento estejam tão empenhadas no bem, e conservação do reino, que sem respeito a nenhum outro fim tratem só deste, e de como se vos deu esta Carta passareis certidão ao Procurador da Corôa, que vol-a hade remetter. Escripta em Lisboa a 26 de Novembro de 1667. E advertireis hão de trazer os Procuradores que nomeardes poder para jurar o Infante D. Pedro meu muito amado e presado Irmão depois de meus dias em falta de meus descendentes legitimos; E que outrosim hão de trazer poder para confirmar a renuncia que fiz no Infante do governo destes reinos. — Infante. — Para a Camara de Santarem.»

— Eis aqui a carta de convocação ao Geral da Congregação de S. Bernardo:

— «Frei Antonio Brandão: Amigo. — Eu o Principe vos envio muito saudar... Tenho resolvido celebrar Côrtes nesta Cidade no primeiro de Dezembro proximo deste anno; encommendo-vos muito que logo que receberdes esta Carta vos disponhaes para assistir nellas conforme vossa obrigação; e tendo justo impedimento envieis vossa Procuração a pessoa que tenha voto em Côrtes, para tratar e resolver sem limitação os negocios que se propozerem, e para jurar a Infanta D. Isabel, minha muito amada e presada Filha, na fórma costumada. Escripta em Lisboa a 7 de Outubro de 1673. — Principe.»

— Vejamos agora um exemplar de Procuração conferida pela Camara de Santarem a dois Procuradores ás Côrtes.

Reunidos no dia 17 de dezembro de 1667 nas Casas da Camara o Juiz de Fóra, Vereadores, e de mais pessoas da governança, deram conta do que se fizera para cumprimento da ordem do Soberano, relativamente ás Côrtes que haviam de celebrar-se em Lisboa no 1.º de janeiro de 1668; e vem a ser:

— «que na fórma que em outras eleições semelhantes se tinha procedido mandáram elles deitar pregão pelas ruas publicas desta Villa para que todas as pessoas da governança, della, e as mais que costumam votar, como Juiz do Povo, e vinte e quatro, viessem a esta Camara dar seus votos em duas pessoas para Procuradores das ditas Côrtes.»

Menciona depois o auto, que no dia 11 haviam sido tomados os votos pelo Juiz de Fóra e Escriptor, como era uso, e costume, lendo-se primeiramente a Carta de Sua Magestade a todos os que votáram; e apurando se a eleição saíram eleitos por mais votos N. e N. os quaes foram logo chamados á Camara, e se lhes deu o juramento dos santos evangelhos.

Por aquelle juramento prometteram tratar e resolver nas Côrtes, bem e verdadeiramente, e com sã consciencia, os negocios que nellas fossem propostos, convenientes ao serviço de Sua Magestade, e ao bem commum, e conservação do reino, e sem attenderem a outro algum respeito.

Em virtude deste instrumento, recebiam N. e N., em nome da Villa de Santarem, como cabeça das mais daquella Comarca, os poderes necessarios para tratarem os negocios indicados na Carta de Sua Magestade, e para requererem tudo o que proveitoso fosse ás mesmas Villa e Comarca.

— Outros exemplos ha de Cartas convocatorias de reinados anteriores, que apresentam expressões affectuosas da parte do Soberano, e um louvavel interesse pelo bem dos povos; e tal é a seguinte:

— «... vos encommendo e mando que logo como esta verdes, emlijaes, e escolhaes segundo vossos bons costumes dous Procuradores taes pessoas, e asi suficientes como pera tal Auto se requerem, pera em nome dessa Villa jurarem o dito Principe meu filho os quaes despachái, e enviai de modo que sejam aqui em tempo que se faça o dito juramento no dito dia de Pentecoste, e lhe ordenai, e dai sua despesa pera vinda, estada e tornada, asi como vos bem parecer,

e virdes que pelas calidades de suas pessoas dos ditos procuradores lhes deve ser dado, e traguam procuração dessa Villa a bastante e sufficiente pera fazerem o dito juramento, e asi pero que toca as Côrtes pera quaesquer cousas que com elles fallar, e praticar, ou mandar praticar e fallar, e com os outros Procuradores do reino que mando vir, que sejam do meu serviço, e bem das cousas dessa Villa, e de meus povos, e traguam asi mesmos apontamentos por vós assinados de quaesquer cousas asi especiaes, como geraes que essa Villa me deve requerer asi pera o que a ella em especial tocar, como em geral a todo o reino; no que vos encommendo muito olheis, e consireis asi bem como de vós confio; porque em tudo o que fôr bem, repouso e descanço das povos, Eide folgar d'entender e prover, asi como é o muito amor, e boa vontade que pera isso tenha, etc.»

Terei logo occasião de tomar nota de uma bella carta convocatoria da Rainha, a Senhora D. Catharina, Regente do reino em nome de seu neto El-Rei D. Sebastião.

— Vamos agora assistir á celebração de uma sessão real de abertura de Côrtes antigas.

Deliberou-se a Rainha a Senhora D. Catharina, a fazer deixação da regência do reino, e persuadiu a seu neto a necessidade de convocar Côrtes, no sentido de tornar mais solemne a indicação renuncia.

Assentou-se, pois, na lembrada convocação dos Estados do reino, e logo a Rainha expediu a seguinte carta convocatoria:

— «Vereadores, e Procuradores desta Cidade de Lisboa, e Procuradores dos Mesteres della. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Porque eu queria tratar, e communicar algumas cousas mais importantes a serviço de Nosso Senhor, e meu, e bem dos meus reinos, com os Tres Estados delles, como sempre se costumou fazer, e é razão, que se faça, determino com a ajuda de Nosso Senhor fazer Côrtes nesta Cidade de Lisboa aos 12 do mez de Dezembro que vem deste anno de 1562: pelo que vos encommendo muito, e mando, que logo como esta virdes, elijaes dous Procuradores taes pessoas, e assim sufficientes como para tal auto se requiere, os quaes trarão Procuração bastante, segundo sempre se costuma fazer, para com elles, e com outros Procuradores das outras cidades e Villas, que mando vir ás ditas Côrtes, poder praticar, communicar e assentar tudo aquillo, que para serviço de Deos, e meu, e bem de meus povos me parecer; e elles trarão quaesquer lembranças, que vos parecer que sejam de serviço de Deos, e meu, e bem de meus povos, e desta Cidade. E nisto vos encommendo, que considereis, e todos o pratiqueis para me poderem fazer melhor as taes lembranças, porque o meu principal respeito é ordenar-se tudo assim como convem a meu serviço, e bem dos ditos povos, o que vós encommendo, e mando, que assim façaes, e vós lhes ordenareis sua despeza segundo se costuma fazer, e prazendo a Nosso Senhor eu os despacharei com toda a brevidade. Antonio de Aguiar a fez em Lisboa a 11 de Julho de 1562. — Rainha.»

No dia 12 de dezembro do indicado anno de 1562 reuniram-se effectivamente as Côrtes, e se abriu solememente a sessão real, em uma das salas dos Paços da Ribeira, que para esse fim

fôra magnificamente armada de ricas tapeçarias.

No topo desta sala, assim preparada, havia um estrado grande, e em cima delle outro mais pequeno, de tres degrãos, sobre o qual estava uma cadeira de espaldas, com uma almofada aos pés, e coroada dum magestoso docel, — sendo tudo coberto de riquissimo brocado.

El-Rei D. Sebastião saio do seu quarto, acompanhado do Cardeal Infante, do Infante D. Duarte, do Duque de Bragança, e de muitos fidalgos. Servia de Condestavel Ruy Gomes da Silva, com o estoque levantado.

Tem curiosidade o saber que El-Rei vinha «com uma opa de brocado forrada de setim branco, e um sceptro de ouro macisso na mão, que seria de quatro palmos, quadrado, com uma maçaneta em cima. Trazia na cabeça uma carapuça, á maneira de Castella, larga por cima, enarcada oitavada de setim branco com ricas pedras e joias nella.»

Barbosa Machado diz que, no acto de entrar El-Rei na sala, *houve uma harmoniosa consonancia de instrumentos, que applaudiram a sua chegada.*

Deixando este enfeite rhetorico, prefiro a narração singela, e de melhor colorido historico, de uma testemunha ocular daquelle acto: — E tanto que se assiassentaram, e se quietou a casa, começaram a soar os instrumentos que estavam no côro, as trombetas, atabales, e charamelas, que tangeram um pequeno espaço. —

— El-Rei sentou-se na cadeira de espaldas, que estava debaixo do docel.

Por detraz da cadeira de El-Rei ficou D. Aleixo de Menezes, seu ayo, «que lhe trouxe a fralda da opa»: no estrado, do lado direito, foi posta uma cadeira de espaldas, na qual se sentou o cardeal infante; no segundo degrão estava o Duque de Bragança, sentado em cadeira rasa. Da parte esquerda, e no primeiro degrão do estrado grande estava o Infante D. Duarte, e no segundo o Duque de Aveiro, seguindo-se o Mordomo-mór e Meirinho-mór; e do lado direito o Copeiro-mór, Ruy Gomes da Silva, servindo de Condestavel (como já dissemos), e o Guarda-mór. No ultimo degrão do estrado pequeno estava D. Pedro de Alcaçova Carneiro, Secretario de Estado, que neste acto servia de *Escrivão da Puridade.*

Da parte direita, no pavimento da sala, estavam todos os Prelados, pela ordem da sua sagração; defronte destes estavam os Marquezes, e logo os filhos dos Duques de Bragança e Aveiro; depois os Condes, por sua antiguidade, os senhores de terras, os alcaides maiores, etc.

Os Védores da Fazenda; o Regedor, com o Chanceller-mór e Desembargadores do Paço; os Corregedores da Côrte, e os Desembargadores da Casa da Supplicação: estavam gradualmente sentados no estrado grande, todos descobertos. No ultimo degrão, da parte direita, estava o Porteiro-mór, e da esquerda o Reposteiro-mór; os Reis de armas e os Porteiros estavam divididos em igual numero, uns da parte do banco dos Bispos, e outros da parte do banco dos Titulos.

No corpo da sala estavam os Procuradores para os quaes havia bancos, cobertos de alambes, para se assentarem por suas precedencias.

Logo que se estabeleceu o silencio na assemblea, levantou-se o doutor Antonio Pinheiro, e em nome do Estado Ecclesiastico recitou um longo discurso, — que hoje, até certo ponto, cor-

responde ao que chamamos *Discurso do Throno*, e naquella tempo se chamava *Oração da — Proposição*, porque nella se referiam, mais ou menos claramente os motivos e fim da convocação das Córtes.

Deixando de parte um grande numero de passagens daquelle *Discurso*, meramente laudatorias do Rei e da Familia Real, citarei apenas uma, que não deixa de ser curiosa, pela comparação estabelecida entre os *Concilios*, e as *Córtes*:

— «O que no espirital reino da igreja militante são os sagrados Concilios, são no temporal reino, e humano os ajuntamentos de Córtes: e ainda que as santas congregações dos universaes Concilios tenham privilegio da infallivel assistencia do Espirito Santo, de que carecem os ajuntamentos das córtes politicas e temporaes; todavia em seu modo preside tambem nellas o Espirito do Senhor; com a sua providencia assistem os anjos da guarda do Rei, dos reinos, e das provincias com maior luz do que fazem no discurso do ordinario governo; pelo que se espera maior reformação de costumes, maiores defensivos contra as superfluidades mais presentes, e maiores remedios contra as necessidades futuras, e presentes; pela qual rasão quanto disto maiores são as causas, que El-Rei nosso senhor teve para vos mandar ajuntar, e para vos mandar dar conta das necessidades da sua fazenda, e das obrigações dos novos gastos, que lhe é necessario fazer para defensão de seus reinos, e senhorios, que vós hoje juntamente nesta solemnidade de Cortes representaes, tanto mais vos convém, que procureis todos ter a Nosso Senhor propicio em nossos trabalhos, etc.»

Acabada a oração do doutor Antonio Pinheiro, alevantou-se o doutor Estevão Preto, Desembargador da Casa da Supplicação, e Procurador da Cidade de Lisboa, e em nome do Estado da Nobreza e do Estado do Povo, proferio tambem um discurso, — o qual, não tão rhetorico e enfeitado, como o precedente, continha, todavia, expressões mais substanciaes e effectivas. Assim, por exemplo, dizia o nobre Procurador de Lisboa, singela e desembaraçadamente, diante do rei mancebo: — «... não deve V. Alteza de querer de povo, que tanto estima, e de que tão querido e amado é, senão cousas tão justas, e tão arreoadas, que sem trabalho, nem escandalo se possam licitamente fazer, e concertar confôrme a possibilidade do reino, e das muitas necessidades em que o tempo o tem posto, como notoriamente se vê.»

N. B. É do meu dever declarar que esta resposta do doutor Estevão Preto é transcripta das *Memorias de Barbosa Machado* (citadas no nosso artigo I), e diversifica da que se encontra de pag. 40 a 42 das *Memorias*, que citámos no artigo II, de Vasco Pinto de Sousa Coutinho. Tambem a oração que em nome de El-Rei recitou o doutor Antonio Pinheiro, tal como a reproduzio Barbosa, diversifica da que vem nas *Memorias de Coutinho*, não na substancia, mas na dicção. Faço estas advertencias com o fim de prevenir o reparo que os sabedores podessem vir a fazer; e em todo o caso direi que as duas orações foram publicadas em 1563 por João Alvares, — mais tarde por Diogo Barbosa Machado nas *Memorias* citadas, — e ultimamente (1832) nas tambem citadas *Memorias de Coutinho*.

— Logo que o doutor Estevão Preto acabou de recitar o discurso, foram o Arcebispo de Lisboa e os Bispos do Porto e do Algarve entregar a El-Rei um memorial dos capitulos, que por parte da sua ordem haviam de ser tratados naquellas Córtes; seguiu-se aos Prelados a deputação dos Titulares a entregar a El-Rei um memorial; e, finalmente, em nome do Estado do Povo entregou tambem a El-Rei um memorial Martim Afonso de Sousa. — Em acto continuo, e depois de El-Rei passar os memoriaes ás mãos do Escrivão da Puridade, foram todos os Procuradores beijar a mão ao Soberano, em nome dos seus constituintes.

— A este ponto chegára a solemnidade, quando deu entrada na sala Simão Guedes, Vedor da Casa da Rainha, e da parte da mesma augusta Senhora entregou um papel fechado ao doutor Antonio Pinheiro, para que em voz alta o lêsse á assembléa.

Continha este papel uma declaração formal da Rainha, de que renunciava ao governo do reino, e só conservaria a regencia por espaço de mais dez dias, para dentro delles se poder deferir a mesma regencia ao Cardeal Infante D. Henrique. (Deste assumpto nos occuparemos no artigo immediato, bem como de alguns episodios das Córtes de 1562.)

Segundo o estylo, leu o Escrivão da Puridade o juramento, que successivamente começaram a prestar a Nobreza, os Procuradores, o Estado Ecclesiastico, o Condestavel, e, afinal, o proprio Escrivão da Puridade.

Antes de El-Rei se levantar, o Rei de armas mandou, da parte de Sua Alteza, separar os Tres Estados para as conferencias.

No fim, retirou-se El-Rei da Sala com o mesmo ceremonial e etiqueta, com que tinha entrado.

N. B. Os Tres Estados conferiam, discutiam e resolviam os negocios em congressos separados.

Nos ultimos tempos reunia-se o da Nobreza, na Casa Professa de S. Roque da Companhia de Jesus, o dos Povos, no Convento de S. Francisco da Cidade; o do Clero, no Convento de S. Domingos da Ordem dos Prégadores.

— No artigo immediato nos occuparemos de algumas particularidades, relativas ás Córtes dos annos de 1562 e 1563, que mais profundamente nos farão conhecer a importancia da representação nacional nos antigos tempos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

A mais importante, a mais difficil, & a mais gloriosa empreza que o coração humano pode acometer, he vencer a si proprio. Dura o combate, quão a vida dura; porem morrer no conflito, he o mesmo que vencer, & as armas na mão são o mesmo trofeo.

Muy proporcionado modo de alcançar graças é render graças. Para alli correm as cousas estimaveys, para onde são estimadas. O agradecimento he aqueducto da liberalidade. Hu ingrato pedindo, apara hua mão á fonte, & com a outra a entupe.

MANUEL BERNARDES